

Análise Econômica

FATOS ESTILIZADOS E CORRELAÇÃO NO SETOR
BANCÁRIO BRASILEIRO

IGOR ALEXANDRE C. DE MORAES

POLÍTICA MONETÁRIA, EXPECTATIVAS E DERIVATIVOS: UMA
ANÁLISE DO BRASIL PERÍODO 1995-98

ROGÉRIO SOBREIRA

O FEDERAL RESERVE EM DOIS MOMENTOS DISTINTOS:
ATUAÇÃO NA GRANDE DEPRESSÃO E NO FINAL DOS ANOS
1990

ROBSON RODRIGUES PEREIRA

BASILÉIA 2 e ECONOMIAS EMERGENTES: UMA ABORDAGEM
MÉDIA-VARIÂNCIA

OTAVIANO CANUTO e ANTÔNIO JOSÉ MEIRELLES

VULNERABILIDADES EXTERNAS e INTERNAS DAS ECONOMIAS
EMERGENTES e PADRÃO DE CONTÁGIO. A EXPERIÊNCIA DA
DÉCADA DE 90

MILTON PEREIRA DE ASSIS

ENDIVIDAMENTO PÚBLICO e IMPACTO SOBRE FLUXOS DE
CAPITAIS, RISCO-PAÍS DIFERENCIAL DE JUROS NO BRASIL
(1995-2002): MODELO VAR e TESTES DE CAUSALIDADE

FLÁVIO VILELA VIEIRA

METAS SOCIAIS DE PROGRAMAS DE MICROCRÉDITO
FINANCEIRAMENTE VIÁVEIS

FERNANDO BATISTA PEREIRA e MARCO CROCCO

ESTRUTURA PRODUTIVA e PERFORMANCE ECONÔMICA DAS
ECONOMIAS ESTADUAIS BRASILEIRAS NA DÉCADA DE NOVENTA

ADELAR FOCHÉZATTO

HISTÓRIA ECONÔMICA e TEORIA ECONÔMICA: ENCUENTROS Y
DESENCUENTROS

GABRIEL PORCILE

EM BUSCA DA NOÇÃO DE EVOLUCIONÁRIA (NEO-
SHUMPETERIANA) DO AUTO-INTERESSE DOS AGENTES: UMA
CONTRIBUIÇÃO A PARTIR DA LITERATURA SOBRE COOPERAÇÃO
INTERFIRMAS

ROBSON ANTONIO GRASSI

PRINCÍPIOS e APLICAÇÕES DE REGRESSÃO LOCAL

ADALMIR MARQUETTI e LORÍ VIALI

GLOBALIZAÇÃO, CRESCIMENTO e POBREZA. A VISÃO DO
BANCO MUNDIAL SOBRE OS EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO

NALI DE JESUS DE SOUZA

ANO **22**

Nº **42**

SETEMBRO, 2004

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor: Prof. José Carlos Ferraz Hennemann

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
Diretor: Prof. Paulo Schmidt

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS
Diretor: Prof. Lovois de Andrade

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
Chefe: Prof. Ricardo Dathein

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA
Coordenador: Prof. Eduardo Pontual Ribeiro

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
Coordenador: Prof. Paulo Waquil

CONSELHO EDITORIAL:

André M. Cunha (UFRGS), Carlos G. A. Mielitz Netto (UFRGS), Carlos H. Horn (UFRGS), Eduardo A. Maldonado Filho (UFRGS), Eduardo P. Ribeiro (UFRGS), Eleutério F. S. Prado (USP), Eugênio Lagemann (UFRGS), Fernando Cardim de Carvalho (UFRJ), Fernando Ferrari Filho (UFRGS), Fernando de Holanda Barbosa (FGV/RJ), Flávio Vasconcellos Comim (UFRGS), Flávio A. Ziegelman (UFRGS), Gentil Corazza (UFRGS), Giacomo Balbinotto Netto (UFRGS), Gilberto de O. Kloeckner (UFRGS), Gustavo Franco (PUC/RJ), Hélio Henkin (UFRGS), Jairo L. Procionoy (UFRGS), Jan A. Kregel (UNCTAD), João Rogério Sanson (UFSC), Joaquim Pinto de Andrade (UnB), Jorge Paulo Araújo (UFRGS), José R. Iglesias (UFRGS), Júlio C. Oliveira (UFRGS), Luis P. Noguero (UFGS), Luiz E. Faria (UFRGS), Marcelo S. Portugal (UFRGS), Maria Alice Lahorgue (UFRGS), Octávio A. C. Conceição (UFRGS), Orlando Martinelli (UFRGS), Paul Davidson (University of Tennessee), Paulo D. Waquil (UFRGS), Paulo Schmidt (UFRGS), Pedro C. D. Fonseca (UFRGS), Philip Arestis (University of Cambridge), Ricardo Dathein (UFRGS), Roberto C. de Moraes (UFRGS), Ronald Otto Hillbrecht (UFRGS), Sérgio M. M. Monteiro (UFRGS), Sabino da Silva Porto Jr. (UFRGS), Stefano Florissi (UFRGS) e Werner Baer (University of Illinois at Urbana-Champaign).

COMISSÃO EDITORIAL:

Eduardo Augusto Maldonado Filho, Fernando Ferrari Filho, Gentil Corazza, Marcelo Savino Portugal, Paulo Dabdab Waquil e Roberto Camps Moraes.

EDITOR: Prof. Fernando Ferrari Filho

EDITOR ADJUNTO: Prof. Gentil Corazza

SECRETÁRIO: Paulo Roberto Eckert

REVISÃO DE TEXTOS: Vanete Ricacheski

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: NÚCLEO DE CRIAÇÃO E EDITORAÇÃO GRÁFICA UFRGS: LEONARDO PONSO

FUNDADOR: Prof. Antônio Carlos Santos Rosa

Os materiais publicados na revista *Análise Econômica* são da exclusiva responsabilidade dos autores. É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos, desde que seja citada a fonte. Aceita-se permuta com revistas congêneres. Aceitam-se, também, livros para divulgação, elaboração de resenhas e resenhas. Toda correspondência, material para publicação (vide normas na terceira capa), assinaturas e permutas devem ser dirigidos ao seguinte destinatário:

PROF. FERNANDO FERRARI FILHO
Revista *Análise Econômica* - Av. João Pessoa, 52
CEP 90040-000 PORTO ALEGRE - RS, BRASIL
Telefones: (051) 316-3513 - Fax: (051) 316-3990
E-mail: rae@ufrgs.br

Análise Econômica

Ano 22, nº 42, março, 2004 - Porto Alegre
Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, 2004
Periodicidade semestral, março e setembro.

Tiragem: 500 exemplares

1. Teoria Econômica - Desenvolvimento Regional -
Economia Agrícola - Pesquisa Teórica e Aplicada -
Periódicos. I. Brasil.

Faculdade de Ciências Econômicas,
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CDD 330.05
C.DU 33 (81) (05)

Historia económica y teoría económica: encuentros y desencuentros¹

*Gabriel Porcile**

Resumo: O artigo analisa as possibilidades crescentes de interação entre teoria econômica e história econômica, em função da importância cada vez maior que recebem os problemas de dinâmica no campo da teoria econômica. Argumenta-se que, se bem a preocupação com a dinâmica está longe de ser nova, nos últimos anos ela tem aumentado significativamente, com ênfase em equilíbrios múltiplos, dependência da trajetória, retornos crescentes e aprendizado, tanto nos comportamentos individuais como nas instituições. Dessa forma, o mundo que emerge dos modelos econômicos ficou menos afastado do mundo que explora e discute os historiadores econômicos. Ao mesmo tempo, os historiadores econômicos vêm demonstrando um domínio crescente da teoria e das técnicas de análise dos economistas. Abre-se, assim, espaço para uma maior sinergia entre duas tradições diferentes e que, muitas vezes, transitaram caminhos divergentes.

Palavras-chave: História econômica, dinâmica econômica.

Abstract: The paper analyzes the increasing potential for interaction between economic history and economic theory, stemming from the growing concern of economic theory with dynamic problems. This concern is far from new, but in recent years it has become more significant, emphasizing themes like multiple equilibria, path-dependency, increasing returns and learning, both at the individual and institutional levels. Thus, the world that emerges from economic models resembles now more closely the world explored and discussed by economic historians. At the same time, economic historians have improved a lot their ability to use economic theory and the analytic tools of economics. This opens new space for more synergy between two different traditions that in the past followed divergent paths.

Keywords: Economic history, economic dynamics.

JEL classification: B41, economic methodology.

* Professor do Departamento de Economia - UFPR e pesquisador do CNPq.

¹ Una versión preliminar de este trabajo fue presentada en las III Jornadas de Historia Económica, organizadas por la Asociación Uruguaya de Historia Económica (AUHE) y realizadas en Montevideo, del 5 al 11 de Julio de 2003. Agradezco a la AUHE el apoyo a mi participación en las Jornadas. En distintos momentos, conversé sobre estos temas con Luis Bértola, Ramón García Fernández y Octavio Rodríguez, a quienes soy grato. Ninguno de ellos, huelga decirlo, es responsable por los errores que lector pueda encontrar en el trabajo.

1 Introducción

El tema es extenso y complejo, y es necesario circunscribirlo de algún modo. Para ello, en este trabajo (y este recorte no tiene pretensiones de generalidad), la historia económica se aborda desde la perspectiva de las posibilidades de un diálogo sinérgico entre dos tradiciones que han estado muchas veces contrapuestas – la tradición analítica y formal de la teoría económica, y la preocupación con la transformación y las especificidades de tiempo y lugar, que singulariza la tarea de los historiadores. Primero, en el punto 1, se definen estas tradiciones y se ofrece una definición del objeto de la historia económica, que no se pretende original ni exclusiva. En segundo lugar, se apunta que existe una tendencia, en lo que llamamos ciencia económica (pero también en otros ámbitos de las ciencias sociales), a dar un lugar cada vez mayor a los problemas de la dinámica y de la heterogeneidad de las instituciones, trayectorias y comportamientos, temas centrales de nuestra disciplina. Esto se aborda en los puntos 2 (dinámica simple), 3 (dinámica compleja) y 4 (expectativas). Finalmente, en el punto 5, cerrando el trabajo, se argumenta que el historiador económico es también, muchas veces, no sólo un receptor, sino también un productor de teorías. Se ofrece, así, una perspectiva relativamente optimista sobre las tendencias y el estado actual de la historia económica, y sobre sus posibilidades de interactuar con otras ciencias sociales.

2 La posibilidad de diálogo entre dos tradiciones

Como mencionado, en la historia económica convergen dos tradiciones. Por un lado, la tradición de la ciencia económica, que es entre las ciencias sociales la que ha llevado más lejos (y probablemente con mayor éxito), el proyecto de estudiar la sociedad con los criterios e instrumentos de las ciencias naturales. La formulación precisa de hipótesis verificables, la construcción de esas hipótesis a partir de modelos basados en métodos lógico-deductivos, cuya validez muchas veces se pretende universal y atemporal, la verificación empírica de los mismos con recurso al arsenal de técnicas proporcionado por la estadística y la econometría, distinguen al programa de investigación de la ciencia económica.

Por otro lado, la historia económica tiene como objeto la evolución en el tiempo de las relaciones económicas, su mutabilidad o persistencia a partir de la interacción de un conjunto de factores que son específicos en el tiempo y el espacio, y que definen patrones o modos de transformación cuya validez es acotada (el tema es tratado, con precisión ejemplar, en Szmrecsányi, 1999). Más aún, en la medida que la historia económica estudia las consecuencias de las acciones humanas (y como ellas interactúan a lo largo del tiempo, entre sí y con el ambiente físico), no puede olvidarse que las mismas responden a valores que son el producto irreplicable de un cierto pasado y de un cierto ambiente institucional, social y cultural.

Se argumentará en este trabajo que lo que hoy llamamos historia económica, como un campo relativamente consolidado y con personalidad propia entre las ciencias sociales, ha sabido conciliar esas dos tradiciones y combinarlas de manera sinérgica. Pero esta sinergia no surge espontáneamente ni está libre de peligros, y requiere, para su construcción, un esfuerzo crítico, deliberado y persistente.

¿Qué peligros son esos? Por un lado, el riesgo del reduccionismo, el de transformar la historia económica en el estudio de cómo se tornan irremediabilmente efectivas determinaciones "superiores" definidas por modelos abstractos de cualquier especie. Es el riesgo de suponer que ciertas hipótesis simplificadoras, o ciertas heurísticas, que son legítimas en el momento de estudiar las propiedades formales de un sistema, son válidas para todo tiempo y lugar, y nos libentan de la carga de estudiar su efectiva vigencia en cada caso.² Es el riesgo de llevar la cláusula *as if* de Friedman a sus extremos metodológicos, *i.e.* a la idea de que el modelo teórico no precisa tener un compromiso con la realidad, sino que basta con que el mundo se comporte *como si* el modelo fuera el correcto. Es el riesgo de pensar que la cliometría puede muy bien substituir la reflexión sobre las instituciones que están por tras de los valores de los parámetros, como si estos últimos, en lugar de ofrecer tentativas de cuantificación de ciertos

² Ya Medina Echavarría, que desde la sociología observaba con inocultada admiración el grado de rigor alcanzado por los economistas, no dejaba de darles "un tirón de orejas" por el grado excesivo de formalización, siendo, para él, difícil "precisar donde está la frontera entre lo estricta y rigurosamente necesario, y lo que puede ser afán de pedantería, falsa exhibición de originalidad o puro fraude a sí mismo" (Medina, 1963, p. 62).

efectos (válidas e importantes, pero con fragilidades que no pueden olvidarse, especialmente cuando las bases de datos ya contienen muchos supuestos heroicos), contuvieran en sí mismos la prueba o evidencia final sobre la validez de una hipótesis.

Por otro lado, en el polo opuesto, existe el riesgo del eclecticismo inconsecuente, o sea, el de combinar elementos que son lógicamente contradictorios, o de superponer, de forma arbitraria o *ad hoc*, explicaciones diversas para un mismo fenómeno, sin estar atento a sus oposiciones o articulaciones. O, aún, el de negar cualquier valor a la teoría, lo que nos conduciría a un empirismo ingenuo, "disfrazado de sentido común", como dijera Marc Bloch (1949, p.66). O, finalmente, el de rechazar *a priori* cualquier esfuerzo de formalización matemática, transformando el desconocimiento de las potencialidades de un instrumento o de un lenguaje, en una supuesta opción teórica. Es mejor explicitar la teoría para poder desarrollarla de la forma más sistemática, rigurosa y acumulativa posible, que esconderla en una penumbra que deforma su objeto, sus variables, el conjunto de relaciones que las estructura. La célebre reflexión de Francis Bacon, que enseña que la verdad está más cerca del error que de la confusión, es una ilustración muy apropiada de esta idea.

3 Oigo tu voz, llamándome³

Una perspectiva optimista, pero razonablemente bien fundamentada, sugiere que los historiadores económicos están cumpliendo cada vez mejor la parte que les cabe en esta sinergia. Su dominio de la teoría es significativo, así como el de las técnicas estadísticas y econométricas más sofisticadas. Y por dominio de la teoría no se hace necesariamente referencia a la teoría formal, o aún a la teoría neoclásica, sino a un conjunto de corrientes teóricas que pueblan las diversas ciencias sociales: el pluralismo y la interdisciplinariedad son marcas registradas de la historia económica, y podría decirse que el abandono de esta marca la tomaría no sólo mucho menos interesante, sino prácticamente irreconocible.

"Pero es frecuente escuchar quejas sobre la impermeabilidad de los economistas teóricos a las preocupaciones centrales de nuestra disciplina. Como en la milonga de Jorge Drexler, la historia

³ El título es una referencia a una clásica zamba de Don Alfredo Zitarrosa.

económica es “un moro judío que vive con los cristianos” – tiene el feliz privilegio de poder dialogar con tradiciones teóricas distintas, pero puede no ser comprendida. La pregunta clave es como la historia entra en la teoría económica, y como los economistas teóricos pueden mejorar sus modelos a partir de los hallazgos de los historiados económicos. En otras palabras, hay un llamado a “historicizar” la teoría.⁴ Sin, tal vez, pecar por un exagerado optimismo, podría decirse que no es esta una misión del todo imposible y que en el horizonte hay señales alentadoras. Es posible reconocer tendencias de la reflexión sobre teoría económica que fortalecen las sinergias antes mencionadas y que muestran caminos en ese sentido. Y en la percepción de esta necesidad, y en el estímulo a estas tendencias, la contribución de los historiadores económicos ha sido sin duda importante.

Se ha argumentado, y no sin razón, que durante mucho tiempo la teoría económica olvidó o negó el peso que cabe a la historia en cualquier teoría sobre el comportamiento humano y sobre la evolución del sistema económico. La cláusula *ceteris paribus* congelaba la mayor parte de las variables del sistema, para permitir el estudio de los efectos del cambio de una única variable, o de algún parámetro específico. La preocupación dominante con la estática comparativa tendía a obscurecer la importancia de la transición, de los accidentes que en ella acontecen, de la propia temporalidad de la transición. Algunas preguntas que para los historiadores económicos surgían muy naturalmente, parecían no ser prioritarias (o incluso no ser relevantes) para quienes elaboraban los modelos económicos: ¿Cuánto tiempo lleva ir de un equilibrio al otro? ¿Es razonable pensar que vale la cláusula *ceteris paribus* a lo largo de esa transición? ¿Si la transición es larga y accidentada, como lo son la mayor parte de las transiciones, no sería más interesante estudiar las propiedades de la transición, y no las de un eventual equilibrio que, en muchos casos, se percibe como fugitivo e irreal? ¿Cómo la propia perspectiva de los agentes económicos cambia y se ajusta durante la transición, que representa, por su propia naturaleza, un período de diversidad de caminos posibles, en que las vacilaciones, las incertidumbres, son más intensas?

⁴ La expresión fue usada por Luis Bértola en la apertura de las III Jornadas de Historia Económica de la AUHE. En un trabajo reciente, Dutt (2003) ofrece una contribución importante a este debate, tomando como punto de partida el pensamiento de Joan Robinson.

Esta mayor preocupación con los equilibrios que con la transición se complementaba con el esfuerzo por encontrar equilibrios únicos y estables. La idea de equilibrios únicos y estables tiende a reducir el papel que las condiciones iniciales tienen sobre el punto de llegada del sistema. La idea de estabilidad del equilibrio lleva a desconsiderar la posibilidad de que procesos acumulativos, círculos virtuosos o viciosos, o aún fenómenos accidentales o específicos, puedan generar caminos heterogéneos y divergentes para las unidades del sistema (individuos, firmas, industrias o países).

Dicho esto, sería injusto atribuir estos "vicios" del pensamiento al conjunto de la teoría económica. Y sería aún más injusto (y, además, contradictorio con la perspectiva que los historiadores económicos tenemos sobre la mutabilidad del propio mundo de las ideas), pensar que éstos se mantienen de forma más o menos intocada hasta los días de hoy. Si bien la preocupación con los problemas dinámicos nunca estuvo completamente ausente de la teoría económica, su importancia en el programa de investigación ha aumentado sensiblemente en los últimos diez años.

No se propone aquí la idea de que el pensamiento económico siguió una línea evolutiva según la cual gradualmente desarrolló y perfeccionó sus técnicas para tratar mejor los viejos problemas, y abordar nuevos que antes no se estudiaban. Se anota, solamente, que existe un camino, que sin ser lineal o suave, y mucho menos siempre ascendente, nos permite disponer de instrumentos teóricos mucho más elaborados y más próximos a lo que los historiadores económicos consideran los problemas claves de su disciplina. El trabajo de los historiadores económicos ha sido sin duda importante para este cambio de perspectiva teórica en dirección a una teoría dinámica.

Como se mencionó, la preocupación con los problemas dinámicos no es nueva en teoría económica y no faltan antecedentes, pero tal vez el más ilustre sea el de Harrod (1939, 1948). En el modelo de crecimiento de Harrod, la situación inicial de la economía, su tasa de crecimiento en el momento cero, definía para siempre su evolución posterior. Recordemos brevemente el modelo. Si la tasa de crecimiento inicial es inferior a la tasa garantizada (dada por la razón entre la tasa de ahorro y la relación capital-producto), la economía tiende a reducir permanente su

crecimiento y viceversa. A este problema Solow (1956) respondió con un modelo que proporcionaba un equilibrio único y estable, con lo que la importancia de las condiciones iniciales se reduce al período de la llamada dinámica de transición (el movimiento hacia el equilibrio de largo plazo). Pero las condiciones iniciales, la sombra del pasado, no se proyecta sobre el largo plazo.

En realidad, los modelos de Harrod y Solow son dos ejemplos ilustres de un problema más general, que dice respecto a la estabilidad y unicidad de los equilibrios en economía. El gráfico 1 muestra un modelo con dos equilibrios, uno estable y el otro inestable, donde las condiciones iniciales y las decisiones heroicas cuentan mucho, al punto de proyectar una influencia decisiva sobre el futuro (solo reversible por alguna modificación exógena, crucial, de los parámetros del sistema).

A estos ejemplos podemos aún adicionar la posibilidad del ciclo, o sea, la del retorno del sistema a un cierto conjunto de valores a intervalos regulares. No voy a extenderme sobre este punto. Es suficiente recordar la contribución pionera de Hicks (1949), en su comentario a la obra de Harrod, el trabajo clásico de Samuelson (1939) a partir de la interacción entre el multiplicador y acelerador keynesianos, o la obra de Goodwin (ver, por ejemplo, Goodwin, 1947), para tener ejemplos notables del proceso creciente de "dinamización" de la reflexión teórica formal en economía.

Se observa que en el caso de la inestabilidad y de los equilibrios múltiples, el modelo económico deja en abierto la evolución final del sistema. La respuesta sobre el camino que el sistema habrá de seguir cabe a la historia económica. Pero es además la historia económica la que permite discernir que tipo de modelo describe mejor una realidad concreta, y que fuerzas (económicas y sociales) son las que lo conducen en una u otra dirección. Es como si las ecuaciones dejaran de representar un determinismo rígido e inmutable y cedieran espacio al pasado y a las decisiones del hombre en la construcción de futuros alternativos. Nos encontramos en un mundo un poco más familiar al de los historiadores económicos. Los parámetros del modelo ya no congelan la reflexión, sino que aparecen como ilustraciones precisas, "planos de un laberinto", que vuelven más inteligibles los caminos que nos llevan hacia mundos alternativos, sin obligarnos a transitar ninguno de ellos.

4 El jardín de los senderos que se bifurcan

Algunas de estas cuestiones han sido abordadas de forma teórica y empírica por historiadores económicos como Paul David. La idea de dependencia de la trayectoria ha sido una forma de incorporar el tema de la sensibilidad a las condiciones iniciales ("la sombra del pasado") en modelos económicos. El clásico artículo de David (1988) sobre la configuración del teclado de la máquina de escribir, o los de Arthur (1994) sobre retornos crecientes, son ejemplos de la importancia de esta percepción. Inicialmente muy resistidas por los economistas, las ideas de *path-dependency* y retornos crecientes fueron gradualmente ganando aceptación, y podría decirse que bajo distintos nombres reaparecen en las modernas teorías sobre crecimiento y empleo. En ellas se combinan las ideas de condiciones iniciales diferentes y de retornos crecientes, dando lugar a la posibilidad de trayectorias diferenciadas de los agentes del sistema económico.

Pero no se agota aquí el papel que la creciente preocupación con la dinámica económica le ofrece a la historia en los modelos. Ella en realidad nos conduce, como en el famoso cuento de Borges, al jardín de los senderos que se bifurcan (la imagen es usada también por Alba, 1998, p. 21). Estados estacionarios, ciclos, crecimiento equilibrado o declinación equilibrada, son todos ejemplos de lo que se llama dinámica simple. Pero también existe la llamada dinámica compleja, constituida por fluctuaciones aperiódicas, por ciclos que se superponen y por procesos de cambio estructural (Day, 1994, p. 4). Este tipo de problema dinámico requiere la existencia de alguna no-linealidad en el sistema de ecuaciones que describe la economía. La elaboración y ampliación de las series de tiempo que nos proporciona la historia económica permiten constatar que la mayor parte de los índices macroeconómicos de producción, consumo, inversión, precios, empleo, utilización de la capacidad, expansión monetaria y salarios, siguen trayectorias bastante irregulares, que no parecen exhibir patrones regulares de comportamiento. El propio proceso de desarrollo económico se caracteriza por lo que se llama un cambio de régimen, el ingreso a una situación donde la dinámica de la acumulación de capital, y el sistema de relaciones sociales que la sostiene, se transforman cualitativamente.

En pocas palabras, aún procesos dinámicos sumamente irregulares, o aparentemente aleatorios, podrían ser modelados como sistemas determinísticos de ecuaciones diferenciales o en diferencia no lineales. Y esto abre nuevas posibilidades para la comprensión de cómo, endógenamente (*i.e.* sin recurrir a choques exógenos aleatorios), un sistema sería capaz de mostrar fluctuaciones irregulares o generar una dinámica completamente nueva, que incluye la propia destrucción del sistema como una posibilidad. Sin duda, este tipo de modelos puede en muchos casos ser más útil al historiador económico que modelos bien comportados que tienen como referencia última el equilibrio walrasiano y la competencia perfecta.

5 Expectativas

El tema de cómo los agentes económicos forman sus expectativas y toman sus decisiones es central para la dinámica del sistema. Y este es también un tema que cada vez más preocupa a la teoría económica. Como el tema de la dinámica, no es un tema nuevo, pero sí es verdad que su importancia creció en años recientes, y esta parece ser una tendencia que se mantendrá hacia el futuro.

Como se sabe, fue Keynes en el *Treatise on Money* y en la Teoría General quien desarrolló la idea de una incertidumbre radical con relación al futuro (la llamada incertidumbre-K, que no se reduce al cálculo probabilístico) (cf. Hodgson, 1988, cap. 10). Los agentes desconocen el futuro y aún así tienen que tomar decisiones (especialmente, decisiones de inversión, cuyos efectos habrán de manifestarse plenamente en un plazo mediano o largo). Para poder decidir en esas condiciones, ellos recurren a un tipo de comportamiento que él llama convencional y que en su forma más simple consiste en proyectar hacia el futuro las tendencias recientes del pasado. Ese problema también está por tras del llamado segundo problema de Harrod (la inestabilidad del equilibrio): si los agentes aciertan, y sus expectativas coinciden con lo que se observa efectivamente, el sistema seguirá una trayectoria equilibrada de crecimiento. Caso contrario, el sistema crecientemente se aparta del equilibrio.

El problema de la racionalidad y de las decisiones en un contexto de incertidumbre llevó en los años sesenta a dos respuestas que también representaron programas de investigación alternativos (curiosamente, ambos programas estuvieron vinculados a una misma institución, la Universidad Carnegie-Mellon, en los Estados Unidos) (Vercelli, 1991). Uno de ellos fue el encabezado por Herbert Simon, el camino de la racionalidad limitada, que buscaba identificar reglas o patrones de comportamiento que constituirían respuestas racionales a problema para los cuales la información disponible estaba lejos de ser completa. Otro camino fue el iniciado por el trabajo de Mutt, que dio lugar a las llamadas expectativas racionales. En su versión fuerte, los agentes, en media, consiguen prever correctamente los valores de las variables, lo que supone también que ellos conocen con precisión todas las ecuaciones y los valores de los parámetros del modelo económico usado por quien analiza el comportamiento de esos mismos agentes. La racionalidad del agente consiste en comportarse como el constructor del modelo lo haría si enfrentara las circunstancias que él mismo proyectó y que conoce en sus mínimos detalles.

Los dos caminos tienen implicaciones diferentes desde el punto de vista de la interacción de cada programa de investigación con la historia económica. En el primer programa, el de la racionalidad limitada, las reglas y normas de comportamiento de los agentes son racionales en el sentido de la adecuación de fines a medios, pero ellas son también creadas por la interacción entre decisiones que no están predeterminadas o ya impresas en el modelo de análisis. El papel de las instituciones en la coordinación de las decisiones, y la forma en que los agentes las adaptan en el tiempo para reducir la incertidumbre y mejorar su eficiencia, son cruciales para determinar la evolución del sistema y su desempeño en el largo plazo. El tipo de racionalidad implícita es el de un ajuste creativo, en el sentido que hay un momento de ajuste pero también hay momentos de creación, de transformación de reglas y del contexto, que generan asimetrías y divergencias (económicas e institucionales) que tiene una especificidad insoslayable (Possas, 1987, pp. 180-182). Y el papel de la historia económica en desentrañar este proceso evolutivo, en identificar sus reglas y patrones de transformación, es sin duda central.

Dicho esto, debe observarse que no se propone aquí un nihilismo teórico, donde la especificidad de la evolución de un cierto sistema nos aleja de cualquier intento de generalización o de modelización⁵ (la referencia a los modelos, en este caso, incluye los formales y los no formales). Se argumenta, solamente, que la modelización debe ser consistente con la idea de la diversidad de las reglas institucionales y de los mecanismos de adaptación creativa que mudan estas reglas. La economía institucional y la hipótesis de la racionalidad limitada, con su esfuerzo por identificar regularidades en el comportamiento y en las interacciones, parece un camino razonable, que nos aleja del “reduccionismo”, pero al mismo tiempo conjura el peligro de abandonar toda pretensión de inteligibilidad, de aceptar que cualquier resultado es posible, que ninguna estructura acota y encauza la evolución del sistema. Tal vez el mundo realmente no sea inteligible, pero, citando nuevamente a Borges, nuestra profesión consiste en “soñar con un mapa del laberinto”, aunque nuestro destino sea fatigarlo en vano.

Queda ya bastante claro en la argumentación anterior que la versión fuerte de expectativas racionales difícilmente pueda combinarse de forma provechosa con la tarea del historiador económico. La tarea de los agentes, en este tipo de modelos, consiste, en larga medida, en conducir al sistema a lo que es su destino inexorable – el punto de equilibrio que ellos bien conocen y hacia el cual convergen, por medio de un proceso que combina una absoluta resignación a su inevitable final, con el frenético trabajo de arbitraje de los mercados walrasianos. Inversamente, uno no puede menos que coincidir totalmente con Solow (1985) cuando argumenta que nada podría ser más interesante para un economista teórico civilizado que ver como las teorías funcionan en distintos ambientes institucionales.

Comentarios finales

Las convergencias entre economistas e historiadores económicos son más fuertes que lo que el relativo aislamiento de

⁵ Possas (1988) llama la atención sobre el peligro del nihilismo teórico y subraya la existencia de ciertas regularidades que pueden fundamentar el esfuerzo teórico y llevarlo a buen puerto. Pero, al mismo tiempo, observa que la teoría debe reconocer en la incertidumbre un elemento constitutivo, inherente al funcionamiento de una economía de mercado.

sus disciplinas sugiere. Vale la pena recordar una vez más a Marc Bloch (1949, p.40) a este respecto: "*No hay, pues, más que una ciencia de los hombres en el tiempo y esa ciencia tiene necesidad de unir el estudio de los muertos con el de los vivos*". La preocupación de la teoría económica con el tiempo – con la dinámica, con las transiciones, con las expectativas – no es nueva y viene en aumento, permitiendo una interacción cada vez mayor con la historia económica.

Pero es importante destacar también que el historiador económico no es solamente aquel que somete las teorías elaborada por los economistas (o sociólogos o politólogos) teóricos a la prueba de los hechos, o que les ofrece información sobre reglas de comportamiento o marcos institucionales alternativos para que ellos repiensen sus supuestos y la estructura de los modelos. El historiador económico es, frecuentemente, alguien que reformula y produce teoría en el propio proceso de estudio de una realidad específica. Esta teoría puede ser formal o (tal vez más frecuentemente, por la naturaleza cada vez más especializada de las ciencias sociales) puede ser lo que Nelson y Winter (1982) llaman teoría apreciativa – la identificación o proposición de relaciones causales ente las variables, el análisis de la naturaleza de esas relaciones, que no se expresa en forma matemática, pero que supone un primer esfuerzo de construcción de un marco analítico consistente para tratar un cierto problema. Corresponderá, cuando posible, en una fase posterior, "limpiar" el modelo de posibles inconsistencias lógicas, estudiar más detalladamente sus propiedades y determinar su dominio, y eventualmente absorberlo en alguno de los paradigmas teóricos de la profesión, con el recurso a la formalización.

En cualquier caso, la interacción entre teoría e historia económica no se da en un único sentido – de la producción de teoría al análisis de la realidad, por individuos distintos y en momentos distintos. La historia económica consiste en buscar patrones, y una vez encontrados, la tendencia natural es su generalización, así como la de expresarlos en términos de distintas configuraciones de un conjunto relativamente reducido de variables explicativas. La especialización creciente que gobierna el trabajo de investigación (en todas las áreas) implica que siempre habrá problemas de comunicación entre las disciplinas, pero parece existir una territorio común donde son posibles las sinergias.

Referências bibliográficas

- ALBA, U.N. (1988) *Historia del Tiempo en Economía: Predicción, Caos y Complejidad*. Madrid: McGraw Hill.
- ARTHUR, W.B. (1994) *Increasing Returns and Path-Dependency in the Economy*. Ann Arbor: University of Michigan Press, chapters 2 and 3.
- BLOCH, M. (1949) *Apologie pour l'Histoire ou Métier d'Historien*. Paris: Librairie Armand Colin. Traducción al español: *Introducción a la Historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1965 (cuarta edición).
- DAVID, P. (1988), «CLIO and the Economics of QWERTY», *American Economic Review Papers and Proceedings*, N. 75, p. 332-337.
- DAY, R. (1994) *Complex Economic Dynamics, vol. I: An Introduction to Dynamical Systems and Market mechanisms*. The MIT Press.
- DURLAUFF, S.N. y QUAH, D.T. (1998) "The New Empirics of Economic Growth", *Working Paper*, Santa Fe Institute, January.
- DUTT, A.K. (2003) "Joan Robinson, History and Equilibrium", *Conference Honoring the Birth centenary of Joan Robinson*, University of Vermont, October 17-19.
- GOODWIN, R.M. (1947) "Dynamic Coupling With Special Reference to Markets Having Production Lags", *Econometrica*, n.15, p.181-204.
- HARROD, R. (1939) "An Essay in Dynamic Theory", *Economic Journal*, v.49, p.14-33.
- HARROD, R. (1948) *Towards a Dynamic Economics*. Londres: McMillan.
- HICKS, J.R. (1949) "Mr. Harrod's Dynamic Theory", *Economica*, n. 16, Mayo.
- HODGSON, G. M. (1988) *Economics and Institutions*. Londres: Polity Press.
- MEDINA ECHAVARRIA, J. (1963) *Consideraciones Sociológicas Sobre el Desarrollo Económico en América Latina*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- NELSON, R. Y WINTER, S. (1982) *An Evolutionary Theory of Economic Change*. Harvard University Press.
- POSSAS, M. (1987) *Dinâmica da Economia Capitalista: Uma Abordagem Teórica*. São Paulo: Brasiliense.
- POSSAS, M. (1988) "Racionalidade e Regularidade: Rumo a uma Integração Micro-Macrodinâmica", *mimeo*, UNICAMP, Instituto de Economia.
- SAMUELSON, P. (1939) "Interaction Between the Multiplier Analysis and the Principle of Acceleration", *Review of Economics and Statistics*, Mayo, p. 75-78.
- SOLOW, R. (1956) "A Contribution to the Theory of Economic Growth", *Quarterly Journal of Economics*, v.70, p.65-94.
- SOLOW, R. (1985) "Economic History and Economics", *American Economic Review*, v.75, n.2, p. 325-330.
- SZMRECSÁNYI, T. (1999) "Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Estudo da História Econômica", *mimeo*, Aula Inaugural, Programa de Pós-Graduação em Economia, UNESP – Araraquara, SP.
- VERCELLI, A. *Methodological Foundations of Macroeconomics: Keynes and Lucas*. Cambridge University Press.

El gráfico (una versión en tiempo continuo del propuesto por Durlauff y Quah, 1998) es un diagrama de fase que representa el proceso de acumulación de capital por trabajador en una cierta economía, donde k (en las abscisas) es la dotación de capital por trabajador y Gk (en las ordenadas) es la variación proporcional de k en el tiempo. Es fácil ver que A representa una dotación de capital de equilibrio (la acumulación por trabajador Gk es igual a cero), y que ese equilibrio es estable: a partir de cualquier valor inicial de k inferior a A o superior a A (hasta B), la economía se moverá hacia A. El punto B, en cambio, a pesar de que también es un punto de equilibrio ($Gk = 0$), es inestable. Si la dotación inicial de capital por trabajador supera el punto B, la economía podrá alcanzar una tasa de crecimiento positiva ($Gk > 0$) para siempre. La decisión heroica de “saltar” de A para algún valor mayor que B es crucial, y define un destino enteramente distinto para la trayectoria de largo plazo de la economía.

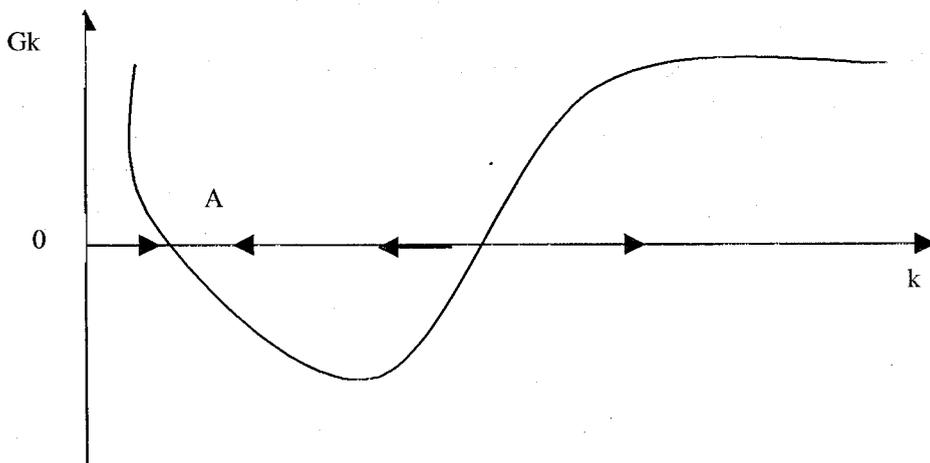


Gráfico 1: Condiciones iniciales, decisiones heroicas y equilibrios múltiple: la sombra del pasado